

ENTRE  
ARQUITETURAS,  
CIDADES E  
FEMINISMOS

---

PESQUISAS DO  
OBSERVATÓRIO  
AMAR.É.LINHA

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Entre arquiteturas, cidades e feminismos [livro eletrônico] : pesquisas do observatório amar é linha / organização Carolina Pescatori, Maribel Aliaga. -- 1. ed. -- Brasília, DF : LaSUS FAU : Editora Universidade de Brasília, 2022.  
PDF.

Vários autores.  
Bibliografia.  
ISBN 978-65-84854-05-5

1. Arquitetura 2. Cidades 3. Feminismo  
4. Mulheres arquitetas 5. Mulheres - Aspectos sociais 6. Urbanismo I. Pescatori, Carolina.  
II. Aliaga, Maribel.

22-122453

CDD-720

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Arquitetura 720

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

ENTRE  
ARQUITETURAS,  
CIDADES E  
FEMINISMOS

---

PESQUISAS DO  
OBSERVATÓRIO  
AMAR.É.LINHA

# SUMÁRIO

**7 Entre palácios e mulheres**

**Maribel Aliaga**

**16 Apresentação**

**Maribel Aliaga; Carolina Pescatori**

**21 Da cozinha para a rua**

*A afirmação da mulher como arquiteta*

**Luiza Rego Dias Coelho**

*parte 1*  
**Teoria**

**41 Arquiteturas feministas**

**Ana Carolina Medeiros**

**61 A arquitetura feminina invisibilizada de Brasília**

*Apagamento das mulheres em catálogos arquitetônicos*

**Júlia Moreira**

**87 Senzala moderna**

*A permanência dos “quartos de empregada” em Brasília*

**Sarah Gabrielle Lucena Silva**

*parte 2*  
**Violência**

**105 Arquitetura de fronteir[a]**

*Mulheres entre Brasil/Venezuela*

**Júlia Coutinho; Ricardo Trevisan**

## **125 Refugiadas urbanas**

*Design tático para repensar o trajeto das mulheres em situação de rua na Asa Norte de Brasília*

**Nádia Vilela**

## **153 O acolhimento social da mulher indígena no Brasil e aspectos habitacionais**

*O caso de Dourados (MS)*

**Maitê Campos Vieira**

*parte 3*  
**Pandemia**

## **177 Cartografia da covid-19**

*A situação da classe das trabalhadoras domésticas no Distrito Federal*

**Lorrany da Silva Arcanjo**

## **193 Mulheres na pandemia**

*Costuras sobre narrativas e números*

**Júlia Bianchi**

*parte 4*  
**Perspectivas**

## **215 Direito à cidade para mulheres:**

*Análise dos planos diretores do Distrito Federal*

**Sara Cristina de Carvalho Zampronha**

## **247 Montando o Ferro's Bar**

*Reivindicando a memória lésbica no Brasil*

**Alyssa Volpini**

## **278 Sobre as autoras**









# MULHERES NA PANDEMIA

## COSTURAS SOBRE NARRATIVAS E NÚMEROS

Júlia Bianchi

### RESUMO

O presente trabalho visa a tecer um diálogo entre o estudo cartográfico e estatístico desenvolvido no âmbito do Observatório de Gênero Amar.é.linha e os retratos narrativos de três mulheres moradoras do Distrito Federal — Nara, Diana e Helena. Assim, busca-se aprofundar as discussões numéricas, e debater a experiência corpórea feminina como agente do espaço, partindo de duas óticas, a CASA e a RUA. O objetivo central do artigo é entender as percepções do espaço, descrito por essas mulheres, isto é, suas experiências, necessidades e vulnerabilidades, às quais foram expostas em face ao cenário pandêmico cuja dispersão viral é indissociável da discussão sobre a distribuição do espaço entre os diferentes segmentos sociais. Dentro dessa construção, aviva-se o questionamento: quais os efeitos da pandemia no cotidiano, nas experiências materiais, corpóreas das mulheres?

### PALAVRAS-CHAVE

*mulher; pandemia; narrativa; memória; Brasília.*

## INTRODUÇÃO

Em Brasília, desde os primeiros meses da pandemia, as mulheres representam a maioria das pessoas infectadas pelo vírus SARS-CoV-2, causador da doença covid-19, somando, até o 2021, segundo boletim próprio, mais de 54,8% do número total de infecções. Além da infecção, a pandemia trouxe encargos adicionais para as mulheres, tanto no trabalho de cuidado e nas tarefas domésticas, quanto nas incertezas emocionais e financeiras. Este artigo tem por objetivo tecer um diálogo entre os retratos narrativos de três moradoras da capital federal do Brasil — Nara, Diana e Helena<sup>1</sup>, selecionadas a partir de dois critérios: eram mulheres que atravessavam a cidade para trabalhar em 2020 e que faziam parte de um círculo próximo, com quem havia contato prévio, para garantir a segurança sanitária devido ao isolamento social.

O trabalho se voltou a mapear as percepções espaciais descritas por essas mulheres, suas vivências, necessidades e vulnerabilidades frente ao cenário de pandemia. Acompanhando o rastro do vírus pelas suas perspectivas, entendemos que a contaminação geoespacializa-se de forma diferenciada em distintos segmentos sociais. Assim, procuramos resposta ao questionamento: quais os efeitos da pandemia no cotidiano, nas experiências materiais, corpóreas das mulheres?

Dada a complexidade das questões que explicam sua difusão espacial, aproveitamos a oportunidade ímpar de uma discussão pautada na premissa de que os fatos sociais são coletivos, mas o sofrimento se encontra na esfera individual — corporal e habitual. Assim, encontramos na fatal limitação da experiência estatística, estreitamento e novos caminhos. Nessa tentativa de transpor a perspectiva aérea fornecida pelos dados e números — que, apesar de cruciais, não incorporam experiências sensíveis ao corpo e à realidade cotidiana —, delineou-se o recorte da memória.

Ao nos apoderarmos da metodologia da história oral, entendemos que as narrativas são construídas no tempo presente, e atravessadas por lembranças e memórias que reafirmam uma construção singular<sup>2</sup>. Nos moldes de Eclea Bosi (2000, p. 16), tem-se que “a memória enraíza no concreto, no espaço, gesto, imagem e objeto. A história se liga apenas às continuidades temporais, às evoluções e às relações entre coisas”.

1. Quanto aos processos metodológicos, utilizamos os métodos apresentados por Verena Alberti (2005), seguindo as etapas sugeridas por ela: primeiro uma bibliográfica prévia, depois a formulação de um roteiro semiestruturado para entrevista temática, gravação em suporte de áudio, transcrição, conferência de fidelidade, copidesque e, finalmente, a análise. A fim de assegurar a privacidade das participantes, os nomes utilizados são fictícios. As três mulheres foram entrevistadas com base em um roteiro semiestruturado, que orientou breves reuniões remotas, de duração média de 40 minutos. As entrevistas ocorreram por plataforma digital, em março de 2021, e gravadas com suporte amador de áudio, feitas por gravadores de celular. Nara, Diana e Helena são moradoras do Jardim Botânico, São Sebastião e Guará, respectivamente, na faixa etária de 47 a 53 anos, e se autodeclararam mulheres brancas.

2. Para Verena Alberti, o documento de história oral guarda uma especificidade que o distingue de outras fontes, portanto, convém manter as características da linguagem falada. Assim, as transcrições presentes neste artigo preservam trechos com marcas *in verbis*, acolhendo a singularidade do registro narrado.

Logo, buscamos debater a experiência corporal feminina como agente do espaço, a partir de dois eixos temáticos, CASA e RUA: ao evocar os termos, intenta-se estruturar referenciais espaciais e sociológicos que permitam refletir sobre os diálogos emergentes sobre o papel da mulher e sua relação com a cidade.

O primeiro eixo se dedica às ações de cuidado, guiadas pelas vivências cotidianas do **lar**, acolhendo a discussão sobre as sobrecargas de gênero e as ressignificações do espaço da casa. Em um segundo momento, a atenção volta-se para a reflexão sobre a mulher diante das vulnerabilidades presentes no espaço urbano, situando a realidade dos padrões de mobilidade, o uso de transporte público, e as alterações das rotinas de trabalho e deslocamento das mulheres do Distrito Federal.

**[Helena]** *Meu nome é Helena, tenho 50 anos, sou enfermeira e técnica em enfermagem. [...] E agora eu estou fazendo especialização em hemodiálise [...] e em pandemia; mesmo no hospital, eu arrumei um paciente particular. Aqui em casa mora só eu e João, a gente mora aqui no Guará já tem 18 anos [...] e é ele estudando, eu trabalhando, arrumando casa, fazendo comida, limpando chão, estudando, eu também estudando, trabalhando.*

**[Nara]** *Meu nome é Nara. Eu tenho 53 anos. [...] Eu sou formada em administração de empresas [...] e há uns 5 anos eu também passei a trabalhar na área de alimentação. [...] Na minha casa mora só eu e meu marido. Somos só nós dois, nós não temos filhos. Mas com a minha família eu convivo diariamente, [...] minha mãe, da minha irmã, dos meus sobrinhos, [...] se não todo dia, pelo menos algumas vezes na semana. Vida simples.*

**[Diana]** *Meu nome é Diana, tenho 50 anos. [...] Me formei em manicure, depiladora e massagista. Trabalhei muitos anos nessa área, só porque chega um ponto que a gente se cansa, a gente quer mudar de profissão. Aí, eu comecei a fazer faxina, e eu gostei. [...] E ainda fazendo unha, depilação e massagem. Mora eu, meu marido e minha filha com meu netinho [...] em São Sebastião [...], e minha mãe que veio para cá em dezembro, e está comigo agora.*

## 1. A CASA

As paisagens da casa aqui analisadas esboçam a composição do lugar que acolhe, configura trocas e vivências singulares, individuais e coletivas, ancoradas a partir de sua inserção enquanto dimensão política, social e econômica. Ao se debruçar sobre as relações de gênero e poder que perpassam as crônicas cotidianas, são expostas assimetrias estruturais — as quais, em tempos pandêmicos, são ainda mais potencializadas, e revelam contradições e desigualdades enraizadas em diferentes esferas, aqui em especial, diante do cuidado e do trabalho. Para Araújo (2020, p. 17),

*Uma das diretrizes importantes que a teoria crítica feminista evidência é considerar a casa como um objeto concreto, constituído de espaços de vivências, individuais e coletivas, de construção de representações e de papéis sociais, que variam no tempo e no espaço, de experiências agradáveis e angustiantes, de alianças e de luta, de descanso e de trabalho, distanciando-se, portanto, de uma visão mais idealizada e romantizada da casa. Sua escolha metodológica — tanto do ponto de vista do objeto, a casa, lugar historicamente entendido como “o lugar da mulher”, quanto do ponto de vista do universo, principalmente se esse pertence a uma sociedade de base fundamentalmente patriarcal (como no nosso caso) — privilegia a discussão das relações sociais de gênero aplicada ao espaço doméstico.*

Assim, diante da perspectiva pandêmica, a casa amplifica seu sentido enquanto síntese dos espaços-tempos cotidianos, e, como reflete Ana Fani (2020, p. 10), configura a subversão das relações casa–cidade, que incorpora para os limites do lar as responsabilidades e cotidianos antes dissolvidos pelo território da cidade.

As três mulheres narram a imagem da casa como local de proteção e conforto, que é seguro por se encontrar sob suas ciências e domínios. Helena narra em diferentes pontos de sua entrevista, como seu lar é seu lugar paz, especialmente quando em confronto com a realidade da rua: “[...] o que foi mais difícil foi precisar sair; se você está em casa, e se eu estou dentro da minha casa, eu estou em paz”. Para ela, a casa reforça seu “castelo”, nas suas palavras: “[...] o fato de ficar dentro de casa não me abala.

Lógico que eu gostaria de ir a um boteco, tomar uma e conversar [risadas]”. Nara articula esses mesmos valores quando fala sobre se sentir segura em casa:

*[Nara] Dentro de casa a gente se sente mais seguro, eu me sentia mais segura [...] porque eu sabia que ali eu estava tomando os cuidados. Ai quando você sai, você não sabe se lá fora as pessoas estão tomando os cuidados. Ai você fica mais apreensivo, e ao chegar em casa a gente faz todo processo de limpeza e tudo.*

Tal percepção do lar enquanto refúgio se contrapõe às sobrecargas na gestão do domicílio, que recaem expressivamente sob a responsabilidade da mulher. Em 2021, o estudo “Uso Do Tempo em Trabalhos Não Remunerados no Distrito Federal”, baseado nos dados da Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios (PDAD) de 2018, revelou que as 92,2% das mulheres brasileiras afirmaram estar envolvidas nos afazeres domésticos, sendo a indicação entre os homens de 76,5%, uma diferença de 15 pontos percentuais (CODEPLAN, 2020, p. 24). A pesquisa registra, ainda, que mulheres dedicam 9 horas a mais semanalmente a esses trabalhos do que homens, sendo a maioria em quase todas as categorias de análise, que incorporam tarefas de manutenção, limpeza e organização. O hiato percentual aumenta ainda mais quando considerado o perfil socioeconômico; conforme decai a renda familiar, mulheres passam a dedicar mais horas a esses cuidados.

Ainda nesse sob o mesmo enquadramento, a pesquisa “Sem Parar: o trabalho e a vida das mulheres na pandemia” revela que as demandas da casa aumentaram, sendo que 61,5% afirmam que as sobreposições de responsabilidades do trabalho doméstico e de cuidados interferiram na execução de seus trabalhos remunerados; para 4% delas, inviabiliza totalmente; e para 34,5%, não dificulta (GÊNERO E NÚMERO, 2020, p. 24).

As mulheres entrevistadas neste artigo, por mais que relatem ter “ajuda” de seus companheiros, ainda se sentem como as principais responsáveis por administrar os serviços da casa. Em seus depoimentos, Nara e Helena descrevem o quanto sentiram intensificar esses afazeres, ampliados não somente em volume e pela presença contínua dos membros de suas famílias em casa, mas também por sentirem a pressão de ter o cuidado com a casa

atrelado intimamente à saúde e segurança de seus familiares. O alarde de ser a responsável pela integridade do lar pressiona para que tarefas sejam realizadas minuciosamente e constantemente. Esses retratos são narrados com ênfase nas falas de Nara e Helena a seguir:

*[Nara] então, esses trabalhos domésticos aumentaram. Muito. Limpeza com a casa, **limpeza de maçanetas**, essas coisas... Antes, por mais que você fizesse, não se fazia toda hora. E aí, você passou a fazer isso com mais constância, e isso é cansativo. Aumenta muito o trabalho do dia a dia. E como eu passei a fazer almoço aqui também [serviços de entrega de marmitas], então esse trabalho aumentou muito, porque eu ficava aqui embaixo fazendo todo esse cuidado com alimentação que eu ia servir. Esse cuidado mais e mais e mais e mais [...], mas dentro de casa, por mais que a gente sentiu que o trabalho aumentou, como você tinha um cuidado eu me sentia... a gente se sente mais segura.*

*[Helena] [...] quando foi aquele “boom” da pandemia, para gente era algo desconhecido, e a gente tinha muito medo. Hoje a gente não tem mais aquele medo, é mais o receio, né, lógico que é uma doença perigosíssima. Mas o que mudou na verdade na rotina de casa, foi porque o Jorge [filho] saía pra UnB e passava praticamente o dia fora [...], mas a minha rotina de trabalho não mudou porque como é serviço essencial, eu não parei de trabalhar. Eu só fiquei assim com mais receio, a gente começou com aquela limpeza de mão, limpeza das coisas, e assim eu sempre limpo muito aqui em casa, então assim... mudou porque eram coisas que eu não limpava: **a maçaneta da porta, a chave do carro**. Isso aí eu comecei a limpar demais.*

Nesse momento, parece simbólica a imagem do objeto; antes meras decorações, ou elementos não significativos, agora são vistos como portais de infecção, condutores do vírus, que geram risco à vida. A maçaneta, as chaves, os sapatos, passam a ser reflexos imediatos do contato externo, e, portanto, do contágio.

Para Nara, os atravessamentos da pandemia incorporam respostas de resiliência e cuidado, ao lidar com o desamparo do desemprego e a necessidade de reestruturação rápida. Antes, ela era funcionária de vendas em uma empresa de transporte rodoviário, e seu dia a dia era marcado por idas e vindas nas casas

de clientes, circulando pela cidade essencialmente de carro, e aos fins de semana vendia marmitas na área de convivência de onde mora, até chegar a pandemia e ter suas duas fontes de renda interrompidas, uma brusca mudança em sua rotina:

*[Nara] [...] realmente se modificou do dia para noite, se modificou de uma maneira muito grande, eu tive que trabalhar em casa, [...] e não era trabalhar como home, fazendo serviço em casa que eu fazia, não, eu tive que fazer um outro serviço, agregar... Eu precisava né, a gente precisava sobreviver.*

Em vários trechos da entrevista, Nara se refere a esse momento inicial como uma luta: “a gente [ela e o marido] ficou meio sem saber como agir. Foi assim... foi um cruzado de direita. [risadas] a gente ficou atordoado”. Ao relembrar os aspectos de sua vida que foram mais afetados com o decreto de *lockdown*<sup>3</sup>, instaurado em março de 2020, ela versa com preocupação e pesar sobre como teve sua função desligada, e mais uma vez reconta por meio de metáforas de luta:

*[Nara] afetou em tudo. Tudo mesmo. Grandemente. **Eu digo que a pandemia me pegou, jogou na parede, e pisou em cima, assim, literalmente.** Porque eu trabalhava numa empresa [...], era levantar a cartela de clientes, visitar esses clientes, negociar com esses clientes, e trazê-los para trabalhar conosco, utilizando nosso serviço de transporte. Então, a área comercial principalmente, essa área “sala de visitas” ela foi... ela deixou de existir. [...] E aí, quando começou a pandemia, esse serviço foi extinto. Passou a ter só contato por telefone, então, eu perdi meu emprego.*

Diante da face mercadológica da pandemia, a logística de muitos empregadores deixou cargos entregues à obsolescência, descrevendo um processo de meras substituições, como foi o caso de Nara; na impossibilidade de realizar seus trâmites pela cidade para exercer sua profissão, seu cargo foi extinto e ela perdeu seu emprego. Nas reflexões de Ana Fani (2020, p. 11), tal processo reproduz uma nova configuração das relações de trabalho, trazendo como consequência a diminuição dos direitos trabalhistas duramente conquistados.

3. O Decreto n.º 40.539, de 19 de março de 2020, estabeleceu diretrizes para o enfrentamento da pandemia do novo coronavírus no Distrito Federal, com fechamento de serviços considerados não essenciais.

Por sua vez, Diana tem o cuidado da casa como profissão, e narra sentir enormemente o aumento de tarefas não em sua própria casa, mas nas residências em que trabalha: “[...] nas casas que eu trabalho agora é outra rotina”. Segundo o relatório publicado pela ONU Mulheres, trabalhadoras domésticas enfrentam os desafios decorrentes da maior carga de cuidados devido ao aumento do trabalho não remunerado nas residências e do cuidado das crianças pelo fechamento das escolas; por outro lado, vivem a possibilidade de perda da renda porque são consideradas um risco de contágio para as famílias para as quais trabalham<sup>4</sup>.

**[Diana]** [...] Eu chegava na casa e ia embora com a casa sem ninguém. Hoje eu entro na casa e vou embora com a casa cheia. Era tudo mais fácil de arrumar, agora está o dobro pior. Que aí faz almoço, suja vasilha. Antigamente, o pessoal não comia em casa, né, então, assim, é muito mais trabalho! [...] Está tudo mais sujo, a casa está muito mais suja. Era casa de final de semana que eu limpava, agora não, é a casa de todos os dias, com gente dentro. E todas as casas que eu trabalho, é assim. Além disso, é muita bagunça de folha, de caderno, para todo lado [se referindo a itens de home office]. A gente não sabe onde colocar. É tanta coisa.

Diana é empregada doméstica, manicure e depiladora de São Sebastião, casada, mãe de três mulheres já adultas, e tem um neto de sete anos de idade. Ele e sua mãe partilham a casa com ela. No andar de cima, ficam Maria e o filho, e embaixo, Diana, seu marido e sua mãe, que sofre com as enfermidades do Alzheimer. Ao lembrar o início da pandemia, Diana narra um momento de muita tristeza que passou por intensas mudanças e incertezas, em que teve que retornar a sua cidade natal para cuidar da mãe doente, ao mesmo tempo em que teve muitas baixas em sua clientela.

**[Diana]** quando a pandemia chegou, foi uma época muito triste, porque eu já tinha perdido muito cliente no salão, e tinha pegado mais faxina. Só que eu fiquei um mês parada. Nesse mês foi bom, porque foi a época que a pandemia estava mais em alta, foi o começo da pandemia. Aí todas as minhas patroas me dispensaram, e eu fui pra Minas cuidar da minha mãe. E foi uma fase que minha mãe estava muito doente, e estava precisando de

4. MULHERES, ONU. **Gênero e Covid-19 na América Latina e no Caribe: Dimensões de gênero e na resposta** (2020).

Disponível em:



Acesso em: 17  
out. 2021

*mim. Fiquei com a minha mãe por 45 dias. Recuperei a minha mãe. E foi na época que as pessoas voltaram a me chamar para trabalhar. Foi quando eu voltei para Brasília.*

Nesse compasso, as experiências de Diana descortinam outra interface do cuidado — o cuidado com o próximo. Como seu trabalho é parte importante para o sustento do lar, ela o manteve num ritmo intenso, o que por vezes parece distanciá-la da percepção dos perigos da pandemia. Ainda assim, continuou posicionando o bem-estar de sua mãe e de filha mais nova, que tem a saúde mais fragilizada, em foco durante todo esse período:

*[Diana] [...] e o medo de contrair o vírus, principalmente por conta da Marina, que estava muito frágil, porque ela teve dengue hemorrágica. E meu medo era de pegar e passar para ela, porque ela estava trabalhando até então em casa, de lockdown. Aí, eu que saía para trabalhar, mais o Gilberto [esposo]. [...] Nesse intervalo, minha mãe adoeceu, e a gente a trouxe para cá. Já estou com cinco meses cuidando dela aqui em casa, e trabalhando todos os dias, e graças a Deus assim, mantendo a distância das pessoas, usando máscaras nas horas certas. A gente está lutando contra o vírus. Estamos vencendo, mas é uma luta do dia a dia.*

Ao revisitar o campo dos números, relembramos a pesquisa “Sem parar: o trabalho e a vida das mulheres na pandemia”, que revelou que quase 50% das mulheres entrevistadas são responsáveis por cuidar de outra pessoa. Destas, 42% o fazem sem apoio de pessoas de fora do núcleo familiar, sendo incorporado nesse recorte não só pessoas que vivem alguma situação de dependência direta, como filhos e idosos, mas também aquelas que possuem relações interdependentes, como adultos saudáveis.

Nessa senda, Nara, em seu depoimento, retrata a sensação de estar sempre muito atenta às situações paralelas que predizem a ação do cuidado com o próximo, e que isso lhe pesa física e emocionalmente: “Quando chegava no final do dia, eu estava muito cansada, porque esses excessos, de estar sempre em alerta. É o alerta que liga, né. [...] E o medo também de você ter passado batido em algumas situações do dia a dia, que poderia ter acontecido, né”. Ela continua:

*[Nara] [...] porque assim, o que é que essa doença trouxe para nós? Porque você precisa se cuidar, porque você precisa cuidar do outro também. A responsabilidade é a responsabilidade como outro. Então, a gente tinha sempre esse cuidado de não colocar o outro que estava ali confiando em você, seja meu marido, seja minha mãe, seja um cliente, em risco. Então isso é um peso muito grande, psicologicamente, eu digo... eu sei que a gente tem nossos gatilhos, e que na vida a gente vai enchendo as caixinhas e passando para outras.*

As vivências de Diana ao lado de sua mãe tange às estas mesmas considerações: diante do arcabouço de cuidados e precauções com o lar e família, incorpora, ainda, valores de apoio emocional e psicológico, desvelando o acúmulo ainda maior de tarefas que concorrem entre si:

*[Diana] [...] você vai vendo pessoas próximas perdendo parente, perdendo amigo, aí a gente vai ficando mais assustada. E eu com a minha mãe lá em casa, idosa, e totalmente “esclerosada”, que ela está com o mal de Alzheimer, está totalmente sem noção de nada, qualquer pessoa que chega ela quer pegar na mão, quer ficar segurando. Preciso ficar falando que agora não pode, que não é hora. E ela não quer só pegar, ela quer abraçar, né [risadas]. Aí é mais complicado, mas é preocupante mesmo. Essa doença veio detonando as famílias.*

Os relatos nos mostram o quanto que, mesmo quando afastadas do trabalho remunerado, as narradoras continuam exercendo o trabalho, sobretudo na dimensão do cuidado, como nota-se na fala de Diana a seguir:

*[Diana] O que eu achei mais difícil foi parar de trabalhar. E assim, graças a Deus, quase todas as minhas patroas me pagou, mas **eu não me sentia bem: eu não estar trabalhando e elas pagando por eu estar em casa.** Mas por um lado foi bom, porque foi na época que eu mais precisei, que eu cuidei de minha mãe, que ela estava precisando de minha ajuda. Mas, assim, o desafio maior foi chegar lá [cidade natal], vindo daqui e indo daqui para lá, e ela doente em cima de uma cama, e eu com medo de estar ou não contaminada e passar para ela. Meu maior desafio foi esse medo.*

Por sua vez, a fala de Diana delata o desgaste das relações laborais que, na práxis da sociedade capitalista neoliberal, faz com que ela se sinta culpada por não estar exercendo o trabalho remunerado efetivamente, retirando a si mesma da dimensão de quem precisa de cuidado e proteção, seja na esfera de saúde ou patrimonial.

Assim, o reduto da casa em tempos de pandemia é para as narradoras interpretado perante sentimentos gerais de sobrecarga, associados intimamente com diferentes frentes que compõem o cuidado. Este está entrelaçado ao tecido da vida cotidiana das mulheres, quer pudessem se manter em isolamento, quer necessitassem sair de casa para trabalhar, ocupando a rua que se torna espaço de exteriorização de vulnerabilidades.

## 2. A RUA

Na escala da rua, a suspensão da vida cotidiana, ainda que rarefeita, transparece os desafios e vulnerabilidades enfrentados diariamente por mulheres, que têm seus corpos e suas experiências urbanas constantemente atravessadas pelas estruturas machistas e patriarcais de nossa sociedade. A circulação feminina pela cidade já descrevia padrões de mobilidade complexos e segmentados em razão da justaposição dos esforços com o trabalho remunerado e o trabalho doméstico. Em tempos pandêmicos, essa circulação é seletiva e significativa de risco à vida: reúne e expõe especificamente as mulheres que foram privadas do privilégio de ficar em casa.

Sabe-se que a estruturação urbana do Distrito Federal e de sua área metropolitana conta com uma formação dispersa, que concentra população da classe trabalhadora longe das centralidades urbanas onde realizam suas atividades cotidianas (CODEPLAN, 2018). Essa espacialização ocasiona movimentações pendulares diárias, que, embora atenuadas pela conjuntura de isolamento social, ainda descrevem grande parte dos trajetos diários das mulheres do DF.

Antes do surto pandêmico, os deslocamentos cotidianos de Helena aconteciam principalmente por meio de ônibus e metrô, e, dessa forma, conseguia facilmente se organizar para os revezamentos de escalas no hospital e com seus pacientes particulares. Ela narra que, com rotinas de trabalho tão concatenadas, ter privilégio de escolher empregos perto de onde

mora, sem precisar se desgastar com longos deslocamentos, infere em ganho de qualidade de vida, e a ajuda a manter equilibrado corpo e mente.

*[Helena] então, assim, como tudo é muito corrido, se você for perder tempo dentro de ônibus e metrô é complicado, mas eu sempre me organizo para trabalhar perto de casa, não me vejo trabalhando num lugar que eu tenho que andar demais, que eu tenho que dirigir demais, sabe. Cansa muito. Cansa! Porque o serviço da gente, você trabalha com a cabeça e com o corpo.*

No entanto, após o início da pandemia, decidi por precaução utilizar o automóvel particular. Nessa troca, passou a despender mais tempo no trânsito de carro do que antes, quando ia de metrô, como nos conta no trecho a seguir:

*[Helena] sempre foi muito, muito, muito, mais prático ir de metrô. Veja bem, você tinha que estar no plantão 7 h da noite [...] para mim é muito mais tranquilo pegar o metrô aqui: eu ando daqui de casa até o metrô, é muito rápido, desço na estação Águas Claras e já estou de frente do prédio dela [paciente], era ótimo. [...] E, assim, como era algo bem desconhecido [o vírus], o que eu fiz, por precaução, eu e as colegas [equipe de cuidados], nós começamos a ir de carro. A gente tem carro, mas se você gasta 5,50 de metrô e você vai em 10 minutos, você não pega o trânsito [...]. Então, assim, eu gosto de praticidade, eu gosto de coisa rápida, não gosto de ficar presa no trânsito, então quando começou a pandemia nós começamos a ir de carro, aí o inferno começou mesmo, bonito, porque eu tinha que sair de casa 17h30 da tarde, “coisa” que eu pegava o metrô 18h30.*

De acordo com o relatório “Como anda Brasília”, elaborado a partir dos dados da PDAD 2018, verificou-se que as mulheres são as principais usuárias do transporte público, e que mais se deslocam pela cidade. Por quase todas as regiões administrativas (RAs), com exceção de Brazlândia e Cruzeiro, o modal mais utilizado por mulheres para deslocamentos com motivo de trabalho é o ônibus (42,94%), enquanto entre homens, o automóvel (52,11%). Esse cenário só sofre modificações à medida que as mulheres têm acesso a melhores condições de renda: “De um modo geral,

quando se observa a utilização do transporte considerando as faixas de renda, tem-se que, quanto mais a renda aumenta, diminui a utilização dos modos a pé e ônibus e aumenta o uso de automóvel, para os dois gêneros” (CODEPLAN, 2020, p. 48).

Soma-se a essa percepção outro recorte de estudo, feitos a partir da PDAD 2018, que registra os trajetos diários da população brasiliense, e evidencia que as RAs do eixo Sudoeste são as que operam maiores fluxos diários em relação ao Plano Piloto — Ceilândia (43,5 mil), Águas Claras (34,1 mil), Guará (30,9 mil), Taguatinga (27,1 mil) e Samambaia (27 mil)<sup>5</sup>.

Percebe-se, então, que ambos os panoramas traçados — uso do transporte público, origem e fluxos — entrelaçam as mesmas localidades e destacam a presença feminina. As mulheres também estão à frente das infecções por covid-19, desvelando forte relação com dispersão viral com a circulação para trabalho e, por sua vez, com o transporte público.

Ao transpor essas discussões para o estudo das narrativas, destaca-se um breve comentário de Diana, em que relata um embate com o esposo que se mostra preocupado com os longos períodos no transporte público, necessário para que Diana vá trabalhar no Plano Piloto. Assim como Helena, Diana trocou as viagens de ônibus pelos de carro, fazendo arranjos com o esposo para otimizar as saídas de casa e irem trabalhar juntos. De toda forma, quando não consegue alinhar seus compromissos com os do marido, ela retorna para casa de ônibus, ou mototáxi. Ela considera um trajeto tranquilo, mesmo com as preocupações do marido, entende que é algo inevitável em vista da necessidade de sustento.

*[Diana] O Gilberto fala: “Você não devia ir pro Plano...” Mas eu falo: “E qual a diferença de pegar o ônibus aqui na ESAF para voltar para casa e ter que pegar pro Plano de quinze em quinze [dias] só?”. Aí ele não gosta, mas fazer o quê? A gente precisa. A gente precisa trabalhar, eu não vou deixar de trabalhar.*

Nesse momento, as análises narrativas revelam um ponto de contato entre os relatos: o medo do desconhecido. Nas palavras de Nara: “Então os medos são esses: era o desconhecido e as rotinas que mudaram”.

5. CODEPLAN — Companhia de Planejamento do Distrito Federal. **COMO ANDA BRASÍLIA: Um recorte a partir dos dados da Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios** (2020).

Disponível em:



Acesso em: 28  
out. 2021

Já na narrativa de Diana encontra-se o relato sobre a pressão do receio do contágio quando retorna a Brasília de sua cidade natal. Como vimos, logo no início da pandemia, Diana foi dispensada por suas empregadoras e ficou esse período cuidando de sua mãe numa pequena cidade do interior. Esse era um momento em que pouco se sabia sobre os protocolos de segurança necessários e menos ainda se entendia completamente a dimensão que seria a pandemia, principalmente em cidades pequenas. Ao chegar a Brasília, Diana é tomada pela sensação de amplitude da cidade urbana conectada, em que o cenário de infecções já tinha tomado proporções alarmantes, e teve que processar tudo isso rapidamente para aprender os cuidados necessários e voltar a trabalhar.

Assim, percebe-se que o sentimento de não conhecer é expresso pelas narradoras ante as máximas de medo e ansiedade. Em seu discurso, Nara descreve seu “primeiro medo” como sendo o ambiente hospitalar, se referindo desde o medo da infecção com o vírus da covid-19 e mesmo consultas periódicas, exames, que diz ter negligenciado diante do “medo de precisar utilizar um serviço de saúde”.

Por diversas vezes, enfatiza o quanto está sempre vigilante com os cuidados de limpeza, principalmente em virtude do seu trabalho com serviço de alimentação. Logo, encontramos na experiência de Nara outra face do contato externo: para ela, a rua que vem ao seu encontro através de seus clientes. Após perder seu emprego abruptamente e ter o espaço onde servia marmitas aos fins de semana fechado, suas saídas de casa para trabalhar cessaram. Nesse momento, começou a fazer os almoços dentro de sua casa entregando para a vizinhança próxima, que passou a ser tal janela de contato externo. Ela relembra o quanto foram difíceis os primeiros momentos em que as informações sobre a covid-19 ainda eram muito escassas, deixando sentimentos de receio e insegurança para ela e para seus clientes:

*[Nara] Dentro de um mês, a gente perdeu toda a renda que tinha. Tanto do trabalho, quanto do serviço do churrasquinho. [...] Aí, tanto é que na primeira semana a gente falou: “O que a gente vai fazer?” — “Ah, tudo bem, você vai fazer entregas”. Só que as pessoas também estavam muito assustadas, né. Levou um tempo para as pessoas aceitarem esse serviço de entrega, ter confiança*

6. ANESP. A guerra tem rosto de mulher: trabalhadoras da saúde no enfrentamento à Covid-19 (2020).

Disponível em:



Acesso em: 28 out. 2021

7. IGES DF. Mulheres compõem 70% da linha de frente do Iges-DF contra a covid-19 (2021).

Disponível em:



Acesso em: 28 out. 2021

8. CONASEMS. Protagonismo feminino na saúde: mulheres são a maioria nos serviços e na gestão do SUS (2020).

Disponível em:



Acesso em: 28 out. 2021

*né, porque... era tudo tão novo que a gente não sabia se pegava no ar, como que pegava... tinha informações, mas não eram informações concretas. Você tinha medo de tudo. [...] A gente não sabia. E as pessoas também não sabiam, nem a gente sabia como lidar com isso. Era muito engraçado [risadas], hoje a gente vê engraçado, mas não é, porque era assustador, né. Tinha pessoas que chegavam e elas pegavam, logo no início, a comida assim ó [gesto de afastamento], sem olhar! Esticava a mão, virava o rosto do outro lado, a gente entregava, e ali já vinha com álcool assim... Era muito assustador.*

Helena trabalha há doze anos na área de enfermagem, formada enfermeira e técnica de enfermagem, e há pouco começou a tratar de pacientes particulares, como cuidadora. Já na pandemia, decidiu iniciar uma especialização na área de hemodiálise, justamente em resposta da vivência com pacientes em recuperação pós-covid-19. Assim, em sua narrativa, o cuidado com o próximo reporta diretamente a sua ocupação. Enquanto enfermeira e cuidadora, ela lida diariamente com as fragilidades do corpo diante das voracidades da infecção e, ainda assim, de maneira oposta ao esperado, a narrativa de Helena expressa que o ambiente que lhe repassam maior preocupação não é o espaço hospitalar, mas sim lugares rotineiros, onde não há como controlar as ações de outras pessoas ou saber em que medida elas estão sendo cuidadas – por exemplo, no supermercado.

*[Helena] [...] é aquela preocupação de você estar num ambiente e você não sabe como é que está nesse ambiente, não é porque você é um profissional de saúde que você é “um super-herói, você sabe de tudo e você está blindado”. Não. Você está vulnerável, até mesmo mais exposto do que uma pessoa que não é da área.*

Aviva-se, então, a vulnerabilidade das mulheres profissionais de saúde. No Distrito Federal, elas compõem 83% do corpo profissional de enfermagem<sup>6</sup>, e somam quase 70% da frente de combate a covid-19<sup>7</sup>. Ainda representam 65% dos mais de seis milhões de profissionais atuantes no setor público e privado de saúde, em todos os níveis de complexidade da assistência, pelo Brasil<sup>8</sup>.

Em meio a essas reflexões, evidencia-se a experiência de Diana, que relembra o ingresso de seu neto na escola como um momento de apreensão, posto que ele faria parte do trajeto de ônibus. No entanto, mesmo com o medo da exposição do neto e ciente de que não era o momento ideal, financeiro e sanitário, não podia deixar passar a vaga, que era uma bolsa parcial no ensino privado, já que Mateus, aluno em fase de alfabetização, teve muitas dificuldades de acompanhar o ano letivo remoto da escola pública.

Esse retrato elucida como as dinâmicas da rua também se configuram como complementos do lar, como creches e escolas. Na ausência desse amparo, outra vez recai sobre a mulher a responsabilidade de suprir tais funções, ainda que não tenham aparatos técnicos ou disponibilidade.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Apesar da abrangência dos números, eles refletem métricas rígidas, que não alcançam a realidade cotidiana e corpórea das mulheres. Desse modo, a fonte oral se ampara nas pequenas fissuras que restam dos estudos estatísticos, entregando diferentes percepções sobre as conexões que transitam entre o espaço consolidado e a síntese da memória.

As três mulheres cederam relatos que carregam reflexões sobre sobrecargas físicas e psicológicas, sobre os acolhimentos do ambiente do lar, e, ainda, a respeito das ressignificações do espaço da casa, agora também como ambiente de trabalho, e da rua, antes como local de trocas de vivências e, então, como antro de contágio.

Nesse sentido, tomamos a oportunidade singular de discussão, viabilizada pelas narrativas, não como forma de esboçar generalizações. Ao contrário, encontramos, no ato de narrar, a força intrínseca do saber e viver corporificado, capaz de aprofundar perspectivas e expandir o entendimento de como a pandemia afetou a vivência das mulheres.

## REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

ANESP — ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS ESPECIALISTAS EM POLÍTICAS PÚBLICAS E GESTÃO GOVERNAMENTAL. **A guerra tem rosto de mulher**: trabalhadoras da saúde no enfrentamento à Covid-19. Publicado em abril de 2020. Disponível em: [anesp.org.br/todas-as-noticias/2020/4/16/a-guerra-tem-rosto-de-mulher-trabalhadoras-da-sade-no-enfrentamento-covid-19](https://anesp.org.br/todas-as-noticias/2020/4/16/a-guerra-tem-rosto-de-mulher-trabalhadoras-da-sade-no-enfrentamento-covid-19). Acesso em: 28 out. 2021.

ARAÚJO, A. **Estudos de gênero em arquitetura**: um novo referencial teórico para a reflexão crítica sobre o espaço residencial. Cadernos PPG-AU/UFBA, 5(1), 2007. Disponível em: [periodicos.ufba.br/index.php/ppgau/article/view/1427](https://periodicos.ufba.br/index.php/ppgau/article/view/1427). Acesso em: 27 out. 2021.

BISPO, N. de M.; CALDEIRA, A. R. **As contradições sociais evidenciadas pelo novo coronavírus e a vida das mulheres no contexto da pandemia**. *Gemina: Marxismo E Educação Em Debate*, 12(3), 479–502, 2021. DOI: [doi.org/10.9771/gmed.v12i3.37149](https://doi.org/10.9771/gmed.v12i3.37149).

BOSI, Eclea. **O tempo vivo da memória**: Ensaios de Psicologia Social. São Paulo: Ateliê editorial, 2003.

CODEPLAN. Companhia de Planejamento do Distrito Federal. **COMO ANDA BRASÍLIA**: Um recorte a partir dos dados da Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios. Brasília-DF, setembro de 2020. Disponível em: [www.codeplan.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/Estudo-COMO-ANDA-BRAS%C3%8DLIA-Um-recorte-a-partir-dos-dados-da-Pesquisa-Distrital-por-Amostra-de-Domic%C3%ADlio.pdf](https://www.codeplan.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/Estudo-COMO-ANDA-BRAS%C3%8DLIA-Um-recorte-a-partir-dos-dados-da-Pesquisa-Distrital-por-Amostra-de-Domic%C3%ADlio.pdf). Acesso em: 28 out. 2021.

CODEPLAN. Retratos Sociais DF 2018. **As mulheres do Distrito Federal**: desigualdade, inserção no mercado de trabalho e cuidados com a casa e a família. Brasília-DF, março de 2020. Disponível em: [www.codeplan.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/Estudo-Retratos-Sociais-DF-2018-As-mulheres-do-DF-desigualdade-inser%C3%A7%C3%A3o-no-mercado-de-trabalho-e-cuidados-com-a-casa-e-a-fam%C3%ADlia.pdf](https://www.codeplan.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/Estudo-Retratos-Sociais-DF-2018-As-mulheres-do-DF-desigualdade-inser%C3%A7%C3%A3o-no-mercado-de-trabalho-e-cuidados-com-a-casa-e-a-fam%C3%ADlia.pdf). Acesso em: 27 out. 2021.

CODEPLAN. PDAD 2018. **Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios**. Brasília, 2018. Disponível em: [www.codeplan.df.gov.br/pdad-2018](http://www.codeplan.df.gov.br/pdad-2018). Acesso em: 27 out. 2021.

CONASEMS — CONSELHO NACIONAL DE SECRETARIAS MUNICIPAIS DE SAÚDE. **Protagonismo feminino na saúde**: mulheres são a maioria nos serviços e na gestão do SUS. Publicado em 06/03/2020. Disponível em [www.conasems.org.br/o-protagonismo-feminino-na-saude-mulheres-sao-a-maioria-nos-servicos-e-na-gestao-do-sus](http://www.conasems.org.br/o-protagonismo-feminino-na-saude-mulheres-sao-a-maioria-nos-servicos-e-na-gestao-do-sus). Acesso em: 28 out. 2021.

FANI, Ana. A “Revolução” no cotidiano invadido pela pandemia. In: **COVID-19 e a Crise Urbana**, coord. Ana Fani. São Paulo: FFLCH/USP, p. 10-17. 2020. Disponível em: [www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/471](http://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/471)

GÊNERO E NÚMERO; SOF — SEMPREVIVA ORGANIZAÇÃO FEMINISTA. **Sem Parar** — o trabalho e a vida das mulheres na pandemia. 2020. p. 13. Disponível em: [mulheresnapanidemia.sof.org.br/wpcontent/uploads/2020/08/Relatorio\\_Pesquisa\\_SemParar.pdf](http://mulheresnapanidemia.sof.org.br/wpcontent/uploads/2020/08/Relatorio_Pesquisa_SemParar.pdf). Acesso em: 27 out. 2021.

IGESDF — INSTITUTO DE GESTÃO ESTRATÉGICA DE SAÚDE DO DISTRITO FEDERAL. **Mulheres compõem 70% da linha de frente do Iges-DF contra a covid-19**. Publicado em 09/03/2021. Disponível em: [igesdf.org.br/noticia/mulheres-compoem-70-da-linha-de-frente-do-iges-df-contra-a-covid-19](http://igesdf.org.br/noticia/mulheres-compoem-70-da-linha-de-frente-do-iges-df-contra-a-covid-19). Acesso em: 28 out. 2021.

MULHERES, ONU. **Gênero e Covid-19 na América Latina e no Caribe**: Dimensões de gênero e na resposta. 2020. p. 1. Disponível em: [www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2020/03/ONU-MULHERES-COVID19\\_LAC.pdf](http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2020/03/ONU-MULHERES-COVID19_LAC.pdf). Acesso em: 17 out. 2021.

SECRETARIA DE SAÚDE DO DISTRITO FEDERAL. **Boletim Epidemiológico N 601**. Publicado em: 24 de outubro de 2021. Disponível em: [www.saude.df.gov.br/boletinsinformativos-divep-cieives](http://www.saude.df.gov.br/boletinsinformativos-divep-cieives). Acesso em: 28 out. 2021.



# SOBRE AS AUTORAS

## ALYSSA VOLPINI

*alyssa.volpini@gmail.com*

Alyssa Volpini é arquiteta e urbanista pela Universidade de Brasília (UnB).



## ANA CAROLINA MEDEIROS

*ana@ateliercavilha.com*

Arquiteta e urbanista pela Universidade de Brasília, tem o gênero na arquitetura como principal área de interesse e pesquisa. Complementou sua formação acadêmica em cursos na Universidade de Groningen, na Holanda, e no Politecnico di Torino, na Itália. Atua profissionalmente nas áreas de arquitetura e *design* e é cofundadora do Atelier Cavilha.



## CAROLINA PESCATORI

*pescatori@unb.br*

Arquiteta, professora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília e pesquisadora do seu Programa de Pós-Graduação em Urbanismo. Doutora (UnB), mestre em Arquitetura da Paisagem (Pennsylvania State University–EUA). É coordenadora do grupo de pesquisa TOPOS — Paisagem, Projeto e Planejamento e pesquisadora do Amar.é.linha. Sua pesquisa problematiza o urbano do ponto de vista histórico e político.



## JÚLIA BIANCHI

*jbfbianchi@gmail.com*

Júlia Bianchi é graduanda em arquitetura e urbanismo pela Universidade de Brasília (UnB).



## JÚLIA COUTINHO

*arch.juliacoutinho@gmail.com*

Júlia Coutinho é arquiteta e urbanista pela Universidade de Brasília (FAU/UnB), com passagem pela Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto (FAUP). Cursou Belas Artes em Portugal, na FBAUP, e hoje trabalha como arquiteta em Brasília, com foco em habitação contemporânea e conservação do patrimônio moderno.



## JÚLIA MOREIRA

*juliafmoreira3@gmail.com*

Graduanda em arquitetura e urbanismo pela Universidade de Brasília (UnB).



## LORRANY DA SILVA ARCANJO

*lorranysarcanjo@gmail.com*

Lorrany Arcanjo é graduanda em arquitetura e urbanismo pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília (UnB) e integra o grupo do Amar.é.linha — Observatório de estudo feministas em arquitetura e urbanismo da FAU–UnB.



## LUIZA REGO DIAS COELHO

*lu.dias.coelho@gmail.com*

Arquiteta e Urbanista pela Universidade de Brasília. É vice-presidente extraordinária de Ações Afirmativas e co-coordenadora da Comissão de Equidade de Gênero do Instituto de Arquitetos do Brasil. Cofundadora da Coletiva Arquitetas (in)Visíveis (2014). Pesquisadora do Observatório Amar.é.linha — estudos feministas em Arquitetura e Urbanismo.



## MAITÊ CAMPOS VIEIRA

*maitecamposv@gmail.com*

Maitê Campos Vieira, arquiteta e urbanista pela Universidade de Brasília (FAU UnB), tem passagem pela École Nationale Supérieure d'Architecture - Paris Malaquais, na França. Após o contato com Belas Artes e *Design* em Paris, atua hoje como *designer* gráfica e diretora de arte em Brasília.



## MARIBEL ALIAGA FUENTES

*arqmarialiaga@gmail.com*

Arquiteta e urbanista pela Belas Artes de São Paulo, Mestre em Teoria da Arquitetura e Urbanismo pelo PROPARG - UFRGS, doutora em Teoria e História da Arquitetura pela UnB, professora adjunta da mesma instituição desde 2008. Feminista e Pesquisadora do Observatório Amar.é.linha.



## NÁDIA VILELA

*nadiabtvilela@gmail.com*

Nádia Vilela é jornalista e graduanda em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de Brasília (UnB).



## RICARDO TREVISAN

*prof.trevisan@gmail.com*

Professor associado da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU) e do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília (UnB), membro do grupo de pesquisa Topos — Paisagem, Projeto e Planejamento, da FAU-UnB, e da rede de pesquisadores do Laboratório de Experiências Urbanísticas (LEU). Coordenador da equipe da Cronologia do Pensamento Urbanístico na UnB. Pesquisador CNPq. Presidente da ANPARQ (2021–2022).



## SARA CRISTINA ZAMPRONHA

*sarazampronha@gmail.com*

Sara Zampronha é mestranda no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo na Universidade de Brasília. Atualmente, pesquisa direito das mulheres à cidade, crítica feminista ao planejamento urbano, e métodos de participação ativa da população na elaboração e revisão de legislações urbanas.



## SARAH GABRIELLE LUCENA SILVA

*scls.sarahsilva@gmail.com*

Graduanda em arquitetura e urbanismo pela Universidade de Brasília.



## EDIÇÃO E REVISÃO

### LUCAS CORREIA AGUIAR

*correia.lucas@live.com*

Lucas Correia Aguiar é mestre em linguística pela Universidade de Brasília, pela qual também é licenciado em letras. Atua como professor, consultor e revisor de língua portuguesa.



## PROJETO GRÁFICO

### ATELIER CAVILHA

*oi@ateliercavilha.com*

Atelier de arquitetura e design, criado por Ana e Filipe: duas mentes curiosas, inquietas e críticas, encantadas pelo ato de criar. Responsável pelo projeto gráfico e diagramação deste livro.



OBSERVATÓRIO  
AMAR.  
É.  
LINHA.



**O OBSERVATÓRIO** Amar.é.linha foi criado em 2018 como um grupo de pesquisa voltado aos estudos feministas no campo da Arquitetura e do Urbanismo na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília, sob coordenação da professora Maribel Aliaga. Este livro é uma coletânea de projetos e pesquisas de alunas de graduação, resultados de Trabalhos Finais de Graduação, ensaios teóricos e pesquisas de iniciação científica, desenvolvidos no Observatório e o consolida como lugar de formação e incentivo a jovens pesquisadoras. Os textos aqui apresentados desenvolvem importantes leituras críticas a partir de uma sólida abordagem política da arquitetura, do urbanismo e do planejamento, enquanto alimentam a esperança de que as pesquisas feministas se consolidem, se espalhem e frutifiquem no Brasil, especialmente em tempos tão sombrios.

**textos:** luiza coelho **maribel aliaga** ana carolina medeiros  
**júlia moreira** júlia coutinho **ricardo trevisan** maitê campos  
**sarah silva** nácia vilela **lorrany arcanjo** júlia bianchi  
**sara zamprona** alyssa volpini

**organização:** maribel aliaga **carolina pescatori**

